

## O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NOS PROCESSOS DE INFOINCLUSÃO DIGITAL DESENVOLVIDO NO INSTITUTO LUCIANO BARRETO JÚNIOR

Fábio Maurício<sup>1</sup>  
Jonathas Fontes<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo pretende analisar a importância das redes sociais na promoção da Infoinclusão Digital de adolescentes e jovens com idade entre 15 e 25 anos provenientes de famílias vulnerabilizadas pelas desigualdades sociais. O Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ) espaço de aprendizagem e construção de conhecimento se configura no âmbito da educação *não-formal* (GOHN, 2010), instituição sem fins lucrativos desde 2003, desenvolve projetos para o desenvolvimento social sustentável e fortalecimento da cidadania a partir do conceito de infoinclusão digital e sua percepção acerca dos fatores que levam a exclusão digital no país, (SORJ, 2003). Para a construção dos dados aplicou-se a 30% dos aprendentes do Projeto Informática Avançada um questionário *on-line* com sete questões, sendo quatro sobre o perfil de cada um e três relacionadas ao uso das redes sociais utilizadas no ILBJ. Com isto buscou-se compreender as percepções dos jovens a respeito destas redes sociais e apresentar razões pelas quais podemos considerá-las como ferramentas que contribuem dentro de suas especificidades para o processo de infoinclusão digital.

**Palavras-chave:** Educação *não formal*; Infoinclusão Digital; Redes Sociais.

### Abstract

This article aims to analyze the importance of social networks in promoting Infoinclusion Digital adolescents and young people aged between 15 and 25 years from families made vulnerable by social inequalities. The Institute Luciano Barreto Junior (ILBJ) space for learning and knowledge building takes shape under the non-formal education (GOHN, 2010), nonprofit institution since 2003, develops projects for sustainable social development and strengthening of citizenship from the concept of digital infoinclusion and their perception of the factors that lead the digital divide in the country, (SORJ, 2003). For the construction of the data was applied to 30% of learners Advanced Computing Project a questionnaire online with seven questions, four on the profile of each and three related to the use of social networks used in ILBJ. With this we sought to understand the perceptions of young people about these social networks and present reasons why we consider them as tools that contribute in their specific process for digital infoinclusion.

**Keywords:** Non-formal education; Infoinclusion Digital, Social Network

<sup>1</sup> Graduação em Segurança do Trabalho e especialista em Psicopedagogia pela UNIasselvi, pós-graduando UFPE/USP-NCE, Programa de Educação Continuada Mídias na Educação UFPE/USP-NCE, e Educador Social do Instituto Luciano Barreto Júnior.

<sup>2</sup> Graduação em Informática e Gestão da Informação UNIT, pós-graduando, Programa de Educação Continuada Mídias na Educação UFPE/USP-NCE, professor de Informática do SESC-SE, e Educador Social do Instituto Luciano Barreto Júnior.



## Introdução

Sendo a desigualdade social fator de grande preocupação para a sociedade contemporânea, o combate as suas múltiplas dimensões é um dos grandes desafios na atualidade. A exclusão digital constitui-se em um exemplo destas dimensões, que Sorj (2003, p.13) a define como “a distribuição desigual entre os países – e no interior de cada sociedade – dos recursos associados às tecnologias da informação e comunicação” (TIC). O impacto destes recursos na sociedade leva a um aumento desta desigualdade, já que apenas os setores da população mais favorecidos é que, inicialmente, apropriam-se deles ampliando as vantagens sobre os demais, por dispor de recursos e educação. Em contrapartida as classes menos favorecidas necessitam de uma garantia de acessibilidade e conectividade com as inovações tecnológicas (SORJ, 2003).

Tal garantia pode ocorrer através da inclusão digital, pois ela possibilita ao sujeito em situação de exclusão, domínio técnico e capacidade intelectual e profissional para explorar as múltiplas potencialidades oferecidas pela telemática.

A luta contra a exclusão digital pode ser entendida como “um esforço para não permitir que a desigualdade cresça ainda mais com as vantagens que os grupos da população com mais recursos e educação podem obter pelo acesso exclusivo a este instrumento.” (SORJ, 2003, p.62).

Para Sorj (2003), este tipo de exclusão depende de cinco fatores que determinam o nível de universalização dos sistemas telemáticos: 1) a existência de infraestruturas físicas de transmissão; 2) a disponibilidade de equipamento/conexão de acesso; 3) treinamento no uso dos instrumentos do computador e da internet; 4) capacitação intelectual e inserção social do usuário, produto da profissão, do nível educacional e intelectual e de sua rede social, que determina o aproveitamento efetivo da informação e das necessidades de comunicação pela internet, 5) o último fator que é a produção e uso de conteúdos específicos adequados às necessidades dos diversos segmentos da população. Desta forma, compreendemos que o combate a esta dimensão da desigualdade social deve suprir a falta de acesso aos recursos, desenvolver no sujeito competências e habilidades para o seu uso e oferecer conteúdos adequados às suas necessidades.



## Os sites de redes sociais e a infoinclusão digital

A comunicação mediada pelo computador trouxe novos meios de organização, identificação, conversação e mobilização social (RECUERO, 2009). Sabemos que há inúmeras potencialidades na exploração deste tipo de comunicação, e para o jovem que ingressa no ILBJ é essencial que no processo de infoinclusão digital sejam a ele oferecidas condições que o façam explorar estas potencialidades, de modo responsável, consciente e ético.

Através desta mediação tornou-se possível a criação e expressão de redes sociais no mundo virtual, permitindo interações entre pessoas, organizações e grupos sociais através dos *sites* de redes sociais (SRS). É indiscutível a aceitação e interesse por estes *sites* por boa parte dos jovens e adolescentes da sociedade. Partindo desta observação, temos com a sua utilização, um excelente propulsor capaz de mobilizar os jovens que ingressam no ILBJ a buscarem compreender e dominar habilidades básicas de acesso à internet, com intuito de fazer parte deste mundo virtual, que só é possível com a comunicação mediada pelo computador.

Podemos exemplificar o uso do correio eletrônico; o envio e recebimento de arquivos; a visualização de arquivos de multimídias; uso de comunicadores instantâneos e compartilhamento de informações, como apenas algumas das habilidades que podem ser adquiridas em consequência desta mobilização ao uso dos SRS. Assim, o uso destes sites possui relação importante de contribuição com o processo de alfabetização digital, que é “o treinamento no uso do computador e da Internet” (SORJ, 2003, p.38).

Constituindo o ILBJ um espaço que desenvolve ações voltadas à educação *não formal*, numa análise das dimensões do processo político pedagógico de aprendizagem e produção de saberes, tem-se neste tipo de educação a aprendizagem para a cidadania e para atuação no mundo do trabalho (GOHN, 2010). Relacionando estas dimensões à forma como a alfabetização digital deve ser promovida, que é de modo a proporcionar “a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também que capacite as pessoas para a utilização dessas mídias em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitárias, com responsabilidades e senso de cidadania.” (TAKAHASHI, p.31) encontramos uma ligação entre a aprendizagem da educação *não formal* com a alfabetização digital, no que se refere ao exercício da cidadania.

Segundo Gohn (2010, p.16) “a educação *não formal* é aquela que se aprende ‘no

‘mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços de ações coletivos cotidianos” e apesar de o agente do processo de construção do saber neste tipo de educação ser o educador social, para a autora o principal educador é aquele com quem o sujeito interage e se integra (GOHN, 2010). Neste sentido, o fato de os SRS oferecerem espaços para a promoção de interação e integração no *ciberespaço*, os aprendente que fazem uso deles têm como opção, novas formas de construir o saber por meio destas interações com outros aprendentes, educadores, equipe pedagógica e outros indivíduos também pertencentes à rede.

Ainda sobre interação, sabe-se que na educação *não formal*, os espaços educativos onde ela pode acontecer são em “locais onde há processos interativos e intencionais” (GOHN, 2010, p.17), sendo a intencionalidade peça fundamental. E através dos SRS é possível, como já foi apresentado, processos de interação entre os sujeitos envolvidos, possibilitando a promoção de espaços educativos que darão lugar a construção de novos conhecimentos, experiências, valores etc.

Também para Gohn (2010, p.35), as “redes de sociabilidades virtuais, atualmente uma grande força propulsora de atividades de natureza diversa (associativa, de lazer, de negócios, política, cultural, religiosa etc.)” não devem se vincular apenas a aprendizagens escolares, entende-se com isto que deve fazer parte também de outras formas de aprendizagens, a exemplo da aprendizagem para a cidadania e o mercado de trabalho.

### **O Uso de Sites de Redes Sociais no ILBJ**

Em 2005 o ILBJ realizou uma avaliação das atividades de infoinclusão social desenvolvidas nos dois primeiros anos de fundação, a fim de entender quem eram, como viviam e o que pensavam os adolescentes e jovens que participavam dos projetos. Nesta avaliação preocupou-se também em refletir sobre o conceito de inclusão digital desenvolvido desde 2004 por meio do Projeto Conectando com a Vida (PROJETO INSTITUCIONAL, 2007).

Diante dos resultados obtidos, concluiu-se que, além de dar continuidade as ações já desenvolvidas, a instituição necessitava criar novas ações, dentre as quais se propôs a “criar espaços de comunicação e de acesso à informação, assim como contribuir para o desenvolvimento de competências básicas para que os adolescentes e jovens possam participar do processo de produção e distribuição da informação, grande meta para a



sociedade do conhecimento” (PROJETO INSTITUCIONAL, 2007).

Ao analisarmos o uso da internet temos como opção duas dimensões: sua utilização como “instrumento de comunicação e divulgação” ou como meio de “acesso à informação” (SORJ, 2003, p.68), nesta perspectiva, a internet é um instrumento indispensável à concretização da ação proposta.

O *Facebook*, considerado SRS e um tipo de comunicação mediada pelo computador, permite processos de interação, característica que possibilita processos educativos da educação *não formal*, razão pela qual o ILBJ criou um perfil onde há publicação de eventos, programações e avisos; diálogos por meio de comunicador instantâneo; esclarecimentos de dúvidas e questionamentos; divulgação de arquivos de multimídia e compartilhamento de mensagens com teor de conscientização para o exercício da cidadania. Além destas finalidades, também permite a educadores desenvolver ações que o explore como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

Percebe-se claramente a intencionalidade da instituição com o uso do *site* no processo de inclusão digital. Nesta perspectiva, o ILBJ explora tendo-o principalmente como instrumento de comunicação e divulgação, mas também abre possibilidades para que novas iniciativas sejam desenvolvidas por meio dos SRS a fim de fornecer acesso à informação, contribuir para a aprendizagem, conscientizar sobre temas de relevância para o aprendente envolvido neste processo como qualquer outra ação que venha beneficiar o processo.

O que ocorre quase sempre no início é a chegada de jovens possuindo conhecimentos básicos sobre o *ciberespaço*, relacionados em sua maioria a *sites* como *Facebook* e *Orkut*, sobressaindo raras exceções, e eles possuem uma visão do recurso como uma alternativa de entretenimento. No entanto, são indivíduos que não são capazes de explorar o computador e a internet para finalidades que exijam um pouco mais de habilidades e capacidade intelectual.

Mas, mesmo sem esta capacidade intelectual com o uso da internet, sabe-se que estes conhecimentos não devem ser desconsiderados, pois possuem sua importância para a alfabetização digital, e os educadores sociais devem aproveitar-se e a partir deles levar os aprendentes a construir novos conhecimentos relacionados ao uso do computador e da internet.

A exploração deste *site* pelo ILBJ também desperta nos aprendentes a percepção de que os SRS não possuem o entretenimento como exclusiva ou principal forma de uso,

mas tudo depende da finalidade e interesse de quem está utilizando além de ser uma excelente ferramenta de comunicação e interação, podendo também ser uma ferramenta essencial para a construção de novas experiências com o *ciberespaço*.

Outra ação a ser considerada na relação entre o uso do *Facebook* e as ações do ILBJ é a possibilidade do desenvolvimento dos capitais sociais relacional e cognitivo. Para melhor compreensão é necessário entender sobre a colaboração que a educação *não formal* pode dar a um determinado grupo, conforme o que propõe Gohn (2010) e os valores que podem ser construídos ao fazer parte de determinados SRS, com base na contribuição de Recuero (2009).

Quando a educação *não formal* colabora para o desenvolvimento e fortalecimento de um grupo, contribui para a criação de seu capital social, que Gohn (2010, p.20) prefere denominar como “acervo sociocultural e político”, e para a autora o grupo tem na qualidade deste acervo a sua força e potencial de atuação. Com base na consideração de que os SRS são “capazes de construir e facilitar a emergência de tipos de capital social que não são facilmente acessíveis aos atores sociais no espaço *off-line*.” (RECUERO, 2009, p.107), temos nestes *sites* a possibilidade contribuir para o desenvolvimento do acervo sociocultural e político dos jovens.

Há uma relação entre o uso dos SRS e os capitais sociais relacional e o relacional cognitivo, tal relação ocorre por meios de valores que podem ser construídos com a participação nos SRS, que são: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade (RECUERO, 2009).

A visibilidade é construída por meio da capacidade que uma pessoa possui em está conectada e mais visível numa determinada rede, e isto aumenta as possibilidades do indivíduo receber determinadas informações compartilhadas ou comentadas na rede, além de obter auxílio com mais facilidade para algo que esteja encontrando dificuldades. Apesar de a visibilidade decorrer da própria presença desta pessoa na rede, o valor irá ser importante também na construção dos demais valores e está ligada ao capital social relacional (RECUERO, 2009).

A reputação é a percepção que se tem do ator construída pelos demais integrantes da rede, implicando o “eu”, o “outro” e a relação entre estes. Relaciona-se ao que outras pessoas constroem como impressões de nós, tendo por base as informações sobre quem somos e o que pensamos. Sabendo-se também que este valor é influenciado por meio de nossas ações e do que os outros constroem sobre elas. Este valor tem uma percepção



qualitativa, ou seja, não deve depender da quantidade de conexões que temos com outros atores, mas da impressão que estes têm de nós. Está ligado ao capital social relacional, por ser consequência das conexões existentes entre os atores, e também ao cognitivo, por depender do tipo de informação que publicamos (RECUERO, 2009).

A popularidade possui relação com a audiência, esta é possível visualizar por meios das conexões e referência a alguém na rede. Este valor é relativo à posição que ele possui dentro da rede a qual participa. Ele tem um valor quantitativo, ou seja, um jovem é mais popular por ter mais pessoas conectadas a ele, podendo este ter uma forte capacidade de influência que outros por causa desta popularidade. Está também relacionado ao capital relacional, mas com maior ligação a laços fracos por causa de sua associação à quantidade de conexões e não a sua qualidade.

Por último temos a autoridade, que trata do poder de influência que uma pessoa possa ter na rede, compreende-se também de autoridade a presença de reputação, pelo fato de haver a necessidade de uma análise da real influência do indivíduo com relação à sua rede e da percepção que os outros têm da reputação desta pessoa. Ela está relacionada tanto ao capital relacional como também ao cognitivo e só pode ser medido “através dos processos de difusão de informações nas redes sociais e da percepção dos atores dos valores contidos nessas informações.” (RECUERO, 2009, p.114).

Por enquanto, destacou-se a importância do *Facebook* no processo, mas há outra iniciativa que explora o uso de SRS e que também cabe destacar, que é o *weblog* para aprendentes do Projeto Informática Avançada.

O “*Blog do Avançado*”, como é chamado, foi idealizado com o intuito de disponibilizar informações pelos educadores, coordenação pedagógica e psicossocial, informações estas relacionadas a oportunidades de emprego, processos seletivos, eventos internos e externos relacionados ou não ao ILBJ, dicas sobre mercado de trabalho, temas sobre cidadania, ética, tecnologia e dentre outros.

Tomamos com base para considerar o “*Blog do Avançado*” como SRS a definição de Recuero (2009, p.102) que o considera como “toda ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela”, para a autora *fotologs*, *weblogs* e ferramentas de *micromessaging* atuais podem ser também incluídos neste tipo de *site*, por possuírem mecanismos de individualização, mostrar as redes sociais de cada ator de forma pública e possibilitarem que eles construam interações por meio destes sistemas.

Podemos definir *weblog* como uma

[...] página na Web que se pressupõe ser actualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam “*posts*” – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar. (GOMES, 2005, p.311).

O *blog*, abreviação de *weblog*, pode ser explorado como “recurso pedagógico” ou “estratégia pedagógica” (GOMES, 2005, p.312). Como recurso proporciona um espaço de “acesso a informação especializada” ou “disponibilização de informação por parte do professor”, enquanto que como estratégia permite a criação de: portfólio digital, espaço de intercâmbio e colaboração, espaço de debate – role playing ou espaço de integração (GOMES, 2005).

Se pensarmos nas duas dimensões de uso da internet, descritas anteriormente, percebe-se que o *blog* não permite apenas explorar a primeira, mas também ser um meio de acesso à informação, possibilitando o alcance do quinto fator, do qual também está relacionada a exclusão digital, já que através dele o educador pode produzir ou direcionar os aprendentes para conteúdos específicos conforme adequação às suas necessidades.

O educador tem através do uso deste recurso, distintas formas de exploração na educação *não formal*, podendo acompanhar a abordagem de conteúdos nas aulas; disponibilizar conteúdos, estabelecendo ligações a *sites* que tenha alguma relação; fazer comentários, tanto em sala como no *blog*; fazer referências a notícias atuais, caso estas possuam relevância aos conteúdos abordados em aulas, além de outras que estejam em acordo com a intenção do ILBJ no exercício de suas ações. Apresentamos aqui apenas algumas possibilidades, valendo para a criação de outras a criatividade do educador e a preocupação em está contribuindo para os objetivos da educação *não formal*, propostos por Gohn (2010): a justiça social, os direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.), a liberdade, a igualdade e o respeito à diversidade cultural, a democracia, o combate a toda e qualquer forma de discriminação e o exercício da cultura e manifestação das diferenças culturais.



## Resultados

Procuramos fundamentar a análise nas contribuições de autores que tratam de três temas: exclusão digital, educação *não formal* e expressão de redes sociais na internet. No que se refere à exclusão digital, tomamos como base os conceitos de Sorj (2003) e os fatores que o autor apresenta como itens importantes no combate a exclusão digital. Em relação ao tipo de educação desenvolvido pelo instituto, fizemos referência à contribuição de Gohn (2010) sobre a educação *não formal*, analisando características, objetivos, locais onde pode acontecer, sua relação com a construção do capital social e a observação de que o principal educador para este tipo de educação é o “outro” com quem o aprendente interage e se integra.

Ainda em análise das contribuições teóricas, destacamos as referências feitas ao trabalho de Recuero (2009), onde tivemos como associar objetivos da educação *não formal* com os valores construídos na utilização dos SRS, no que se refere ao desenvolvimento do acervo sociocultural e político de um determinado grupo.

Considerando que o ILBJ desenvolve ações relacionadas à educação *não formal*, as reflexões sobre o uso dos SRS foram realizadas pensando nas suas relações de contribuição com os objetivos propostos por Gohn (2010) para este tipo de educação. Buscamos para estas reflexões uma breve demonstração de valores construídos nos SRS que ajudam no desenvolvimento do capital social relacional e cognitivo (RECUERO, 2009) e uma demonstração da exploração do *weblog* na educação *não formal*, tanto como estratégia quanto como recurso da prática pedagógica (GOMES, 2005).

Na construção de dados foi utilizado um questionário *on-line* aplicado a aprendentes do Projeto Informática Avançada que participaram ou estão participando em 2012 do curso, constituindo o principal objetivo analisar se o uso do perfil do ILBJ no *Facebook* tem sido visto pelos aprendentes que fazem parte de sua lista de “amigos” como meio de comunicação, divulgação e interação. Isto para saber se os objetivos propostos pelo instituto com o uso da ferramenta estão sendo alcançados. Outro objetivo foi o de saber se na residência destes aprendentes havia computador com acesso à internet, por ser este um dos fatores que caracterizam a exclusão digital. Com isto tivemos como analisar o nível de importância do ILBJ como local de acesso à internet para os jovens, já que muitos não dispõem dos recursos necessários ao acesso à internet em suas próprias residências.

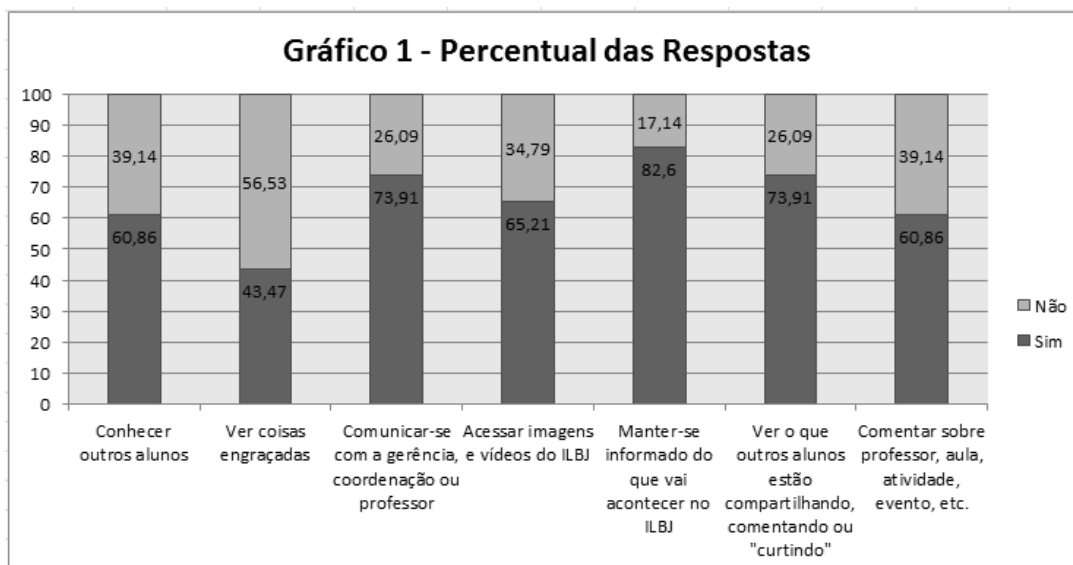
Os aprendentes responderam a questões com abordagens sobre: idade, sexo,

escolaridade e se possuíam computador com acesso a internet em casa. As demais questões tinham por objetivo identificar pontos relacionados à relação deles com o *Facebook* e com o perfil alimentado pelo ILBJ.

O primeiro ponto observado foi que dos 80 aprendentes que responderam ao questionário 70% não possuem conexão à internet em suas residências, diante desta informação e convertendo tal percentual para o universo de jovens matriculados no ILBJ em 2012, que é de 1400, percebemos que temos uma estimativa de que 980 jovens não possuem conexão em suas residências.

Em segundo lugar, observamos como se dá a relação dos jovens que possuem perfil no *Facebook* e pertencem à lista de amigos do ILBJ. De início percebemos que apenas 29,5% dos aprendentes estão conectados à lista, 43,58% apesar de possuírem perfil no *site* não estão e apenas 26,92% ainda não possuem um perfil no *site*. Diante destas informações confirma-se o interesse que há dos jovens pelos SRS, já que mais de 70% fazem parte do SRS, mas descobre-se algo que nos deixa curiosos, pois nota-se que muitos jovens apesar de fazer parte não estão conectados à lista do ILBJ, motivo que deixa-nos com um item a ser abordado nas próximas análises, a fim de compreender o porquê desta escolha.

Como nosso objetivo foi analisar a relação dos aprendentes que estão conectados à lista, cabe-nos tratar dos resultados encontrados. Dos 29,5% conectados à lista, questionou-se o seguinte: “Fazer parte da lista de amigos do ILBJ no *Facebook*, tem sido útil para você de que forma?”. É possível visualizar o percentual das respostas dos jovens no gráfico abaixo:



Através destes dados é possível analisar a percepção que estes jovens estão tendo em integrar a lista de amigos do instituto. Em primeiro lugar, observamos que os maiores índices, de como os jovens tem explorado esta relação, são justamente os que enfatizam a interação entre aprendente e equipe ILBJ (gerência, coordenação e educadores) e acesso a informações relacionadas à instituição e divulgadas no espaço (eventos, mini-cursos, cursos, atividades, palestras, oficinas e seleções).

Mas não é apenas para interação com a equipe ILBJ que os jovens utilizam esta lista, há um nível considerável que utiliza como meio de interagir com outros jovens, tanto para construção de novas amizades (onde se enquadra o valor visibilidade, que está relacionado ao desenvolvimento do capital social), como também para manter-se atualizado das informações que os demais jovens estão compartilhando, comentando e/ou “curtindo”. Nestas interações é possível ocorrer processos educativos da educação *não formal*, já que neste tipo de educação não temos apenas o educador social como único agente para se construir o saber, mas é no “outro” que o aprendente também encontra, através da interação e integração, um meio de desenvolver seu acervo sociocultural e político (GOHN, 2010).

Com a construção de novas conexões por meio da rede é possível também o aumento do valor visibilidade que contribui com o capital social relacional do indivíduo. A visibilidade, segundo Recuero (2009), pode funcionar como matéria-prima na criação de outros valores, como a reputação e popularidade.

Com estes dados percebemos também que o menor índice está relacionado ao entretenimento, pois buscou saber se o jovem acessa o perfil do ILBJ apenas para ver coisas tidas por eles como engraçadas, já que muitos indivíduos buscam em tais redes apenas conteúdos de teor humorístico. Então, concluímos que a maioria dos jovens não buscam apenas este tipo de conteúdo no perfil do instituto, mas principalmente interação e informação sobre assuntos de seus interesses que estão em sua maioria relacionados às ações desenvolvidas pelo instituto.

Através deste questionário analisamos a relação dos jovens com o *Facebook* e com o perfil do instituto, mas também procuramos saber qual percepção que eles têm construído a respeito do *blog*. E dar espaço para que eles contribuíssem com sugestões do que poderia ser melhorado para eles obterem um maior aproveitamento com o uso do recurso.

Os jovens responderam a dois questionamentos, sendo um a respeito da

importância do *blog* para eles enquanto aprendentes do curso e outra com objetivo de dar espaço para saber o que eles teriam de sugestões para o *blog*.

Em análise das respostas constatamos que há uma percepção clara de que eles têm o espaço como meio para realização de duas principais finalidades, uma é explorá-lo como meio de acesso a informação e conhecimento, e a outra para se ter acesso a oportunidades de emprego. Estas são as que mais foram lembradas por eles em suas respostas, mas outras foram pontuadas, a exemplo de: interação, entretenimento, resolução de questões e dicas relacionadas ao mercado de trabalho e concursos públicos.

Visando receber sugestões que sirvam de subsídios ao desenvolvimento de novas ações com o uso do *blog*, foi aplicada uma questão para que o aprendente deixasse suas ideias de como o espaço poderia ser melhorado. Numa síntese geral do que eles propuseram, temos uma visão de que eles querem uma participação mais ativa do espaço, saindo de meros expectadores e passando a autores de informação, conteúdo e experiências.

Quatro aprendentes defendem que suas experiências devem ter espaço para publicação, podendo ser compartilhadas através de multimídias. Já outros sugerem que o “Espaço do aluno”, parte que há no *blog* reservado a postagem de conteúdos criados pelos jovens e que disponibilizaram para compartilhar com os demais, seja mais valorizado. Além de outras sugestões, destacamos algumas delas: maior número de postagens com informações sobre mercado de trabalho, curiosidades e entretenimento; maior liberdade para *download* de músicas, vídeos e imagens; divulgação de mais oportunidades de emprego; maior interatividade e que esteja sempre atualizado.

### **Considerações finais**

Diante dos resultados apresentados percebemos que o ILBJ tem contribuído para o desenvolvimento do acervo sociocultural e político dos aprendentes por meio dos SRS, tanto como instrumento de comunicação e divulgação, quanto como recurso pedagógico no caso do *weblog*. Mas, com esta pesquisa abrimos espaço para novas reflexões e perspectivas de pesquisas na busca de melhorar ainda mais as ações já desenvolvidas com o uso de SRS.

As possibilidades são muitas, de exploração dos SRS no processo, que podem ganhar espaços e serem aplicadas. Por exemplo, se há um *blog* para os aprendentes do

avançado, nada impede que o ILBJ possa criar outros *blogs* como recursos e/ou estratégia pedagógica a serem explorados pelos demais projetos, ou até, centralizar todas as ações relacionadas ao desenvolvimento de ações pedagógicas por meio de *weblog* em um único recurso reservado a todos os projetos.

Também é necessário considerar as sugestões dos aprendentes para o *weblog* no desenvolvimento de novas ações direcionadas ao uso do recurso, e por que não pensar em estratégias pedagógicas onde os aprendentes sairiam de receptores de conteúdos e produziram seus próprios *blogs* para compartilhar conhecimentos, experiências, trabalhos artísticos, opiniões etc.

De acordo com os resultados, a percepção dos aprendentes a respeito da utilidade em fazer parte da lista de amigos do ILBJ e de como o *weblog*, enquanto recurso pedagógico tem contribuído com algumas das expectativas dos jovens, demonstram uma concretização da intencionalidade do instituto na aplicabilidade dos SRS em suas ações, principalmente no processo de inclusão digital. Mas, leva-nos a refletir a respeito de nossa prática como educadores sociais que objetiva desenvolver novas ações, a fim de valorizar mais a participação dos aprendentes como autores no uso de *weblog*, podendo para isto considerar a exploração pedagógica do *weblog* como estratégia, onde eles poderiam construir portfólios digitais e promover espaços de intercâmbio e colaboração, de debate e de integração.

Podemos então, reafirmar como razões que demonstram a importância dos SRS no processo de inclusão digital promovido pelo ILBJ: a utilidade dos SRS como instrumento de comunicação e divulgação; o favorecimento da construção nos jovens de uma percepção contrária a de que *sites* como *Facebook* servem apenas como forma de entretenimento; a importância no desenvolvimento do acervo sociocultural e político destes aprendentes, por meio de valores que podem ser construídos e a possibilidade de uso como recurso pedagógico para o educador disponibilizar informações de relevância para o processo.

## Referências

SORJ, Bernard. **Brasil@povo.com: A luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003; Brasília-DF: UNESCO.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção



Cibercultura).

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Maria João. **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica**. VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIIIE05, Leiria, Portugal, 16-18 Novembro de 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em: 16/08/2012.

INSTITUTO LUCIANO BARRETO JUNIOR. Projeto Institucional, 2007.

TAKAHASHI, Tadao. (Org) **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.